

Livro de Resumos

2022 | Escola Superior de Educação de Viseu



Editores

Catarina Liane Araújo | Maria Figueiredo | Ana Paula Cardoso |
Sara Felizardo | Cristina Gomes | Carla Lacerda | Henrique Ramalho |
João Rocha | Ana Isabel Silva | Paula Xavier

organizado por



parceiros



Ficha Técnica:

Título: Sentidos - Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias - Livro de Resumos

Editores: Catarina Liane Araújo, Maria Figueiredo, Ana Paula Cardoso, Sara Felizardo, Cristina Gomes, Carla Lacerda, Henrique Ramalho, João Rocha, Ana Isabel Silva, Paula Xavier

Capa: Cristina Lima e Luís Pereira

Organização: Escola Superior de Educação / Instituto Politécnico de Viseu

Parceiros: Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI), Centro de Competências do TIC do Instituto Politécnico de Viseu (CCTIC-IPV) e Centro de Competências do TIC da Universidade do Minho (CCTIC-UM)

DOI: <https://doi.org/10.34633/978-989-53495-5-5>

ISBN: 978-989-53495-5-5

Data: outubro, 2022

Local de edição: Viseu

Edição: Instituto Politécnico de Viseu



Este trabalho está publicado com uma licença Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 Internacional.

Sentidos - Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias

- Livro de Resumos

Catarina Liane Araújo, Maria Figueiredo, Ana Paula Cardoso, Sara Felizardo, Cristina Gomes, Carla Lacerda, Henrique Ramalho, João Rocha, Ana Isabel Silva, Paula Xavier (Editores)

Citação (normas APA 7.ª edição): Araújo, C. L., Figueiredo, M., Cardoso, A. P., Felizardo, S., Gomes, C., Lacerda, C., Ramalho, H., Rocha, J., Silva, A. I. & Xavier, P. (Eds). (2022). *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias*. (1.ª Ed.). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Apoios Institucionais



Viseu, 2022

Comissões

Comissão Organizadora

Ana Isabel Silva
Ana Paula Cardoso
Carla Lacerda
Catarina Liane Araújo
Cristina Gomes
Henrique Ramalho
João Rocha
Maria Figueiredo
Paula Xavier
Sara Felizardo

Comissão Consultiva

Ana Paula Loução Martins, Universidade do Minho
António José Osório, Universidade do Minho

Comissão Científica

Altina Ramos, Universidade do Minho
Amanda Franco, Instituto Politécnico de Viseu
Ana Berta Alves, Instituto Politécnico de Viseu
Ana Isabel Silva, Instituto Politécnico de Viseu
Ana Loureiro, Instituto Politécnico de Santarém
Ana Oliveira, CI&DEI, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria
Ana Paula Cardoso, Instituto Politécnico de Viseu
Ana Paula Loução Martins, Universidade do Minho
Ana Paula Pereira, Universidade do Minho
Ana Serrano, Universidade do Minho
Anabela Santos, Universidade do Minho
Andréa Tonini, Universidade Federal de Santa Maria
António José Osório, Universidade do Minho
António Moreira, Universidade de Aveiro
Belmiro Rego, Instituto Politécnico de Viseu
Carla Lacerda, Instituto Politécnico de Viseu
Catarina Grande, Universidade do Porto
Catarina Liane Araújo, Instituto Politécnico de Viseu
Cátia Magalhães, Instituto Politécnico de Viseu
Cecília Aguiar, Instituto Universitário de Lisboa
Cristina Azevedo Gomes, Instituto Politécnico de Viseu
Emília Martins, Instituto Politécnico de Viseu

Esperança Ribeiro, Instituto Politécnico de Viseu
Filomeno Tavares, Universidade de Cabo Verde
Fernanda Leopoldina Viana, Universidade do Minho
Francisco Godinho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Helena Araújo e Sá, Universidade de Aveiro
Helena Reis, Politécnico de Leiria (ESSLei e ciTechCare)
Hélia Pinto, Instituto Politécnico de Leiria
Henrique Ramalho, Instituto Politécnico de Viseu
Iris Pereira, Universidade do Minho
Isabel Aires Matos, Instituto Politécnico de Viseu
Isabel Correia, Instituto Politécnico de Coimbra
Isabel Festas, Universidade de Coimbra
Jaime Ribeiro, Politécnico de Leiria
João Rocha, Instituto Politécnico de Viseu
José Sargento, Instituto Politécnico de Viseu
Kay Wijekumar, Texas A&M University
Lia Araújo, Instituto Politécnico de Viseu
Lúcia Amante, Universidade Aberta (UAb) e Laboratório de Educação a Distância e Elearning (Le@D)
Luís Filipe Barbeiro, Instituto Politécnico de Leiria
Luís Valente, Universidade do Minho
Manuel Meirinhos, Instituto Politécnico de Bragança
Manuela Sanches Ferreira, Instituto Politécnico do Porto
Maria Figueiredo, Instituto Politécnico de Viseu
Maria João Amante, Instituto Politécnico de Viseu
Maria João Macário, Instituto Politécnico de Viseu
Maribel Miranda-Pinto, Universidade Aberta
Paula Santos, Universidade de Aveiro
Paula Vaz, Instituto Politécnico de Bragança
Paula Xavier, Instituto Politécnico de Viseu
Pedro Tadeu, Instituto Politécnico da Guarda
Rosina Fernandes, Instituto Politécnico de Viseu
Rui Alves, Universidade do Porto
Rui Teles, Instituto Politécnico do Porto
São Luís Castro, Universidade do Porto
Sara Felizardo, Instituto Politécnico de Viseu
Sara Pereira, Universidade do Minho
Sofia Campos, Instituto Politécnico de Viseu
Sofia Marques da Silva, Universidade do Porto
Susan O' Rourke, Carlow University
Susana Fonseca, Instituto Politécnico de Viseu
Teresa Castro, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Valter Alves, Instituto Politécnico de Viseu
Vitor Cruz, Universidade de Lisboa

Índice

Nota de Abertura	8
Conferências Plenárias	9
Conferência Plenária 1 – POWERFUL WEB-BASED TOOLS TO IMPROVE LITERACY IRRESPECTIVE OF GEOGRAPHIC OR ECONOMIC BOUNDARIES, <i>Kay Wijekumar, Texas A&M University</i>	10
Conferência Plenária 2 – DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DAS PRÁTICAS, <i>Maria Dulce Gonçalves, Universidade de Lisboa</i>	11
Painéis Temáticos	12
Painel 1 - Tecnologias e Literacias Digitais ao Serviço da Educação Inclusiva	12
O QUE (NÃO) FAZEMOS COM AS TECNOLOGIAS: A COMUNICAÇÃO E A EXPRESSÃO COMO COMPETÊNCIAS FUNDAMENTAIS, <i>Sara Pereira, Universidade do Minho</i>	13
AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FATOR DE INCLUSÃO DOS JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E DE DESENVOLVIMENTO: QUAL É A SITUAÇÃO ATUAL?, <i>Oksana Tymoshchuk, Universidade de Aveiro</i>	14
CAPACITAR PARA INCLUIR: O CASO DO aTOPlab, <i>Jaime Ribeiro, Instituto Politécnico de Leiria</i>	15
Painel 2 – Das Literacias às Perturbações de Aprendizagem Específicas	16
AS ESTRATÉGIAS DE ANTECIPAÇÃO E APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA(S) LITERACIA(S), <i>Luís Filipe Barbeiro, Instituto Politécnico de Leiria</i>	17
PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA JUNTO DAS PERTURBAÇÕES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS NA LEITURA, <i>Fátima Almeida, DISLEX - Associação Portuguesa de Dislexia</i>	18
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS, <i>Vítor Cruz, Universidade de Lisboa</i>	20
Painel 3 – Participação e Educação Inclusiva	21
PARTICIPAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: IMPLICAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO PARA A PRÁTICA, <i>Catarina Grande, Universidade do Porto</i>	22
A PARTICIPAÇÃO ENQUANTO DIREITO: RECURSOS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL, <i>Cecília Aguiar, Instituto Universitário de Lisboa</i>	24
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ALGUNS CONTRIBUTOS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DE UM DIREITO UNIVERSAL, <i>Manuela Sanches Ferreira, Instituto Politécnico do Porto</i>	25
Sessões Paralelas - Apresentação de Pósteres e Comunicações Orais	26
Sessão Paralela A1	26
INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES SUPORTADOS POR TECNOLOGIAS DIGITAIS, <i>Maria Aparecida Araújo Lima, Manuel Meirinhos e Ana Garcia Valcarcel</i>	27

Livro de Resumos

PERCEÇÃO DE JOVENS SOBRE SI E OS OUTROS NO CONTEXTO DE DANÇA INCLUSIVA, <i>Teresa Costa, Sara Felizardo e José Sargento</i>	28
A LEITURA E AS PERTURBAÇÕES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS, <i>Inês Ferraz</i>	29
COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS INCLUSIVAS NA SOCIEDADE MULTITASKING, <i>Paula Cristina Ferreira</i>	30
Sessão Paralela A2	31
A VOZ DOS ESTUDANTES NA INOVAÇÃO DE PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA, <i>Isabel Cabo</i>	32
O PROJETO “3RS EM AÇÃO: ATIVIDADES PROMOTORAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL INCLUSIVAS, <i>Elsa André e Maria João Loureiro</i>	33
TRABALHO DE GRUPO E INCLUSÃO DIGITAL NUMA ESCOLA ANGOLANA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO, <i>João Naufila e Maria João Loureiro</i>	34
PERSPETIVAS SOBRE LITERATURA PARA A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR À DISTÂNCIA, <i>Marlene Alves, Maria Figueiredo e Isabel Aires de Matos</i>	35
Sessão Paralela B1	37
PERCEÇÕES SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO, <i>Carlos Silva, Sara Felizardo e Valter Alves</i>	38
O JOGO DIGITAL MUSHYLAND ADVENTURES E AS COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL NA PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO, <i>Carlos Silva, Sara Felizardo e Valter Alves</i>	40
SOFISTICAÇÃO DE MECANISMOS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO EM VIDEOJOGO PARA CRIANÇAS E JOVENS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO, <i>Ricardo Fernandes, Carlos Silva, Valter Alves e Frederico Fonseca</i>	42
EDUCAÇÃO INCLUSIVA, DESIGN THINKING E TECNOLOGIA: DESENVOLVIMENTO DE JOGOS EDUCATIVOS ADAPTADOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL, <i>Lucas Almeida</i>	44
Sessão Paralela B2	45
TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: UM CONTRIBUTO PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS?, <i>Silvana Sousa e Bruno Gonçalves</i>	46
A INCLUSÃO COMO UM PROCESSO INDIVIDUAL, <i>Aida Rebelo</i>	47
ALL WEARING THE SAME SHIRT: A STUDY ON INCLUSION IN HIGHER EDUCATION, <i>Rosa Oliveira, Isabel Catarina Martins e Oksana Tymoshchuk</i>	48
A INTEGRAÇÃO CURRICULAR E O SCRATCH NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO, <i>Ana Rita Nunes, João Rocha e Cristina Azevedo Gomes</i>	49

Nota de Abertura

A Escola Superior de Educação de Viseu, em parceria com o Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI), o Centro de Competências do TIC do Instituto Politécnico de Viseu (CCTICIPV) e o Centro de Competências do TIC da Universidade do Minho (CCTIC-UM), organizou nos dias 21 e 22 de outubro de 2022 (em formato online), o SENTIDOS - CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO: LITERACIAS, INCLUSÃO E TECNOLOGIAS.

Este congresso internacional centrou-se nas problemáticas associadas à promoção da educação inclusiva num contexto de diversidade e pretendeu analisar os diferentes sentidos que influenciam atualmente a educação, nomeadamente as direções, ideias e sensibilidades relativas a questões conceptuais e/operacionais da articulação entre as literacias, a educação inclusiva e tecnologias junto de públicos-alvo diversificados (ex. universitários, profissionais da educação no ativo e científicas), com vista à promoção de um benefício mútuo entre profissionais da educação, investigadores e futuros profissionais da educação.

Surgiu num contexto de valorização crescente do humanismo social e académico, enquanto valores comuns essenciais na educação mundial. Tem em consideração que a transformação da educação poderá ocorrer através da mudança de pedagogias, por vezes promovida pelas tecnologias com o intuito de se criar um sentido de cidadania partilhada de colaboração, aceitação da diversidade, empatia e equidade no acesso a informações e recursos. Apresentou como questão base: “Como promover uma Educação inclusiva num contexto de diversidade, com recurso às tecnologias e às literacias?”

O congresso incluiu duas conferências plenárias, três painéis temáticos e dois espaços abertos à submissão de pósteres e de comunicações orais na(s) área(s) da Inclusão, Tecnologias e/ou Literacias.

Este livro de resumos engloba uma breve descrição dos temas e trabalhos abordados no decurso deste congresso, apresentando uma visão global sobre alguns dos aspetos considerados como relevantes para uma educação inclusiva na atualidade, que envolvem a exploração das tecnologias e das literacias múltiplas presentes no nosso quotidiano.

Viseu, 21 de outubro de 2022

A Comissão Organizadora,

Catarina Liane Araújo, Maria Figueiredo, Ana Paula Cardoso, Sara Felizardo,
Cristina Gomes, Carla Lacerda, Henrique Ramalho, João Rocha, Ana Isabel Silva,
Paula Xavier

Conferências Plenárias

Conferência Plenária 1

POWERFUL WEB-BASED TOOLS TO IMPROVE LITERACY IRRESPECTIVE OF GEOGRAPHIC OR ECONOMIC BOUNDARIES

Kay Wijekumar

Texas A&M University, Estados Unidos da América, k_wijekumar@tamu.edu

ABSTRACT

Reading comprehension and writing have been a persistent challenge across the world for many decades. Our team has developed web-based intelligent tutoring systems for reading comprehension and writing (in English and Spanish) and tested these tools in large scale randomized controlled research studies. The reading comprehension systems utilize higher order text structure for knowledge acquisition and transformation (KAT) and the writing focuses on the self-regulated strategies development (SRSD) model. Our research finds that children and adults can utilize these tools to become proficient readers and writers. More recently, we have introduced advancing comprehension and engagement (ACE) podcasts for families to read and learn how to comprehend using the same efficacious strategies. In this session, I will share the theory, research, and applications for all attendees to use in their own schools and communities.

BIOGRAPHY NOTE

Dr. Kay Wijekumar, is Houston Endowed Professor of Teaching, Learning and Culture and the Director of the Center for Technology and Urban Schools Partnerships at Texas A&M University. She is a passionate advocate for children and focuses on developing effective technologies for reading, writing, English language learners, and problem solving. She serves on the editorial board of Review of Educational Research, Journal of Educational Psychology, Contemporary Educational Psychology, and Educational Technology Research and Development. She has also conducted large scale efficacy studies of web-based software for reading comprehension, writing, and mathematics. She has received over 70 million dollars in grants to develop and test technologies for learning. Her most recent grants include a 7.5-million-dollar grant to support teacher professional development, a 3.5 million dollar grant to conduct efficacy studies with high poverty schools and a 3.0 million dollar grant to test the We Write intervention that combines teacher-led and computer activities. She focuses all her energies on improving the lives of every child she can support through powerful technologies that are now being used worldwide.

Citação (normas APA 7.ª edição): Wijekumar, K. (2022). Powerful Web-Based Tools to Improve Literacy Irrespective of Geographic or Economic Boundaries. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.10). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Conferência Plenária 2

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DAS PRÁTICAS

Maria Dulce Gonçalves

Universidade de Lisboa, Portugal, mdgoncalves@psicologia.ulisboa.pt

RESUMO

Repensar a Escola, reconstruir a Educação. Que Escola somos, que Escola(s) queremos ter...? Décadas de investigação em Psicologia da Educação como nos podem ajudar na inclusão de todos numa comunidade que todos os dias aprende, na prática e sem medo de errar? São talvez os erros que nos abrem portas e possibilidades para o futuro. Sementes para uma Nova Era na Educação (NEE).

Nesta conferência a autora partilha alguns dos pressupostos e materiais desenvolvidos no âmbito do Projeto IDEA e convida todos a investigar e a desenvolver novas práticas, mesmo que a partir de velhas IDEA's. Sugerem-se desafios, possibilidades, dificuldades funcionais. Uma viagem no tempo de ensinar, para um tempo novo em que todos podemos aprender.

NOTA BIOGRÁFICA

Maria Dulce Ribeiro Miguéns Gonçalves nasceu em 1961 e reside em Almada. Doutorada em Psicologia da Educação, ensina e investiga desde 1987 na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, onde exerce como Professora Auxiliar. Especialista em Psicologia da Educação pela Ordem dos Psicólogos Portugueses, exerce e investiga sobretudo no domínio da Psicologia das Condições Pessoais, Dificuldades na Aprendizagem e Aconselhamento Educacional. Criou e coordena o Projeto IDEA (Investigação de Dificuldades para a Evolução na Aprendizagem), sendo autora de vários livros e publicações, bem como de múltiplos materiais de avaliação, estimulação e intervenção, na Leitura e na Escrita, que têm sido desenvolvidos e aplicados em parceria com Escolas e Autarquias, Professores e Psicólogos, no quadro de uma Educação Inclusiva, por uma Abordagem Multinível e uma Nova Era na Educação (NEE).

Citação (normas APA 7.ª edição): Gonçalves, M. D. (2022). Desafios da Educação Inclusiva e das Práticas. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.11). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Painéis Temáticos

**Painel 1 - Tecnologias e Literacias Digitais ao
Serviço da Educação Inclusiva**

O QUE (NÃO) FAZEMOS COM AS TECNOLOGIAS: A COMUNICAÇÃO E A EXPRESSÃO COMO COMPETÊNCIAS FUNDAMENTAIS

Sara Pereira

Universidade do Minho, Portugal, sarapereira@ics.uminho.pt

RESUMO

Com esta comunicação pretende-se refletir sobre as competências que são necessárias à cidadania e à participação no mundo atual. Pretende-se igualmente discutir as condições para a promoção de uma educação inclusiva. Nesse sentido, questiona-se se se a inclusão se coloca apenas ao nível do acesso, e mesmo do uso, das tecnologias, e se não estaremos a descurar, na educação das crianças, competências transversais e essenciais à sua participação no mundo, como é o caso da capacidade de comunicar, de se expressar, de formular e de dar uma opinião.

Esta análise tem por base dados provenientes da realização de grupos de foco com 390 crianças e jovens entre os 11 e os 18 anos, que frequentam o 6.º, o 9.º e o 12.º ano de cinco agrupamentos de escolas a nível nacional. Esta recolha foi desenvolvida no âmbito do projeto de investigação intitulado "byou – Estudo das vivências e expressões dos jovens sobre os media" (byou.ics.uminho.pt), em curso no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, com Financiamento da FCT (PTDC/COM-OUT/3004/2020).

NOTA BIOGRÁFICA

Professora Associada com Agregação do Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Comunicação, e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.

Em 2020 realizou provas de Agregação em Ciências da Comunicação e em 2004 doutorou-se em Estudos da Criança, especialização de Educação para os Media, na Universidade do Minho.

Tem como principais áreas de investigação as crianças, os jovens e os media; os direitos de expressão e de participação de crianças e jovens; Literacia para os Media; e públicos e práticas mediáticas. Tem coordenado vários projetos nacionais e europeus e é autora de diversas publicações nestas áreas. Atualmente é Investigadora Responsável do projeto "bYOU – Estudo das vivências e expressões de crianças e jovens sobre os media", financiado pela FCT.

É co-coordenadora do MILObs – Observatório sobre Media, Informação e Literacia e coautora do programa de rádio Ouvido Crítico, emitido semanalmente na Antena 1 desde fevereiro de 2018

Preside à secção Media Education Research da International Association for Media and Communication Research (IAMCR) desde julho de 2019.

Citação (normas APA 7.ª edição): Pereira, S. (2022). O que (não) fazemos com as tecnologias: a comunicação e a expressão como competências fundamentais. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.13). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS COMO FATOR DE INCLUSÃO DOS JOVENS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E DE DESENVOLVIMENTO: QUAL É A SITUAÇÃO ATUAL?

Oksana Tymoshchuk

Universidade de Aveiro, Portugal, oksana@ua.pt

RESUMO

As tecnologias digitais podem melhorar a aprendizagem, autonomia e desenvolvimento dos jovens com deficiências intelectuais, removendo várias barreiras e promovendo a igualdade de direitos e oportunidades.

No entanto, pouca investigação tem sido feita para explorar os padrões de utilização e as dificuldades na utilização das tecnologias digitais experimentadas pelas pessoas com dificuldades intelectuais e de desenvolvimento (DID). Os dois estudos apresentados neste evento procuram preencher esta lacuna através do levantamento de informação sobre as competências digitais das pessoas com DID, os seus hábitos no uso de tecnologias digitais e os fatores que facilitam ou dificultam esta utilização. Além disso, foi feito um levantamento da perceção das famílias de jovens com DID sobre o seu percurso escolar, modelos e métodos de ensino preferidos, necessidades de apoio, possibilidades de formação pós idade escolar, barreiras e incentivos na transição para a vida adulta.

Os resultados destes estudos demonstram a necessidade de implementar novas abordagens para promover a inclusão digital das pessoas com DID, garantindo-lhes o acesso às tecnologias digitais, bem como a possibilidade de aprender a utilizá-las de forma flexível, adaptada às suas condições. Além disso, salientam a importância do desenvolvimento de redes de apoio, envolvendo a escola, a família e a comunidade, que possam oferecer uma série de iniciativas para promover a inclusão digital e social destas pessoas.

NOTA BIOGRÁFICA

Oksana Tymoshchuk é doutorada em Multimédia em Educação e tem desenvolvido atividades de investigação relacionadas com 'TIC e necessidades especiais', 'inclusão digital', 'comunidades online', 'acessibilidade' e 'design universal'.

Atualmente é Investigadora Auxiliar no Centro de Investigação DigiMedia da Universidade de Aveiro.

Tem desenvolvido várias atividades de orientação de alunos de mestrado e doutoramento, relacionadas com os seus principais interesses de investigação e tem estado envolvida em diferentes projetos de investigação e iniciativas científicas.

Citação (normas APA 7.ª edição): Tymoshchuk, O. (2022). As tecnologias digitais como fator de inclusão dos jovens com deficiência intelectual e de desenvolvimento: qual é a situação atual?. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.14). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

CAPACITAR PARA INCLUIR: O CASO DO aTOPlab

Jaime Ribeiro

aTOPlab – Assistive Technology and Occupational Performance Laboratory,
ciTechCare - Center for Innovative Care and Health Technology, Politécnico de
Leiria, Portugal, jaime.ribeiro@ipleiria.pt

RESUMO

A experiência e a Investigação dizem-nos que a falta de conhecimento será o maior obstáculo da inclusão. Quer seja conhecimento geral da população, conhecimento técnico dos profissionais, conhecimento da pessoa com deficiência ou incapacidade, estas lacunas constroem ou impossibilitam o desempenho ocupacional e a participação da pessoa funcionalmente diversa. Atualmente, o trabalho, a educação, as AVD e as AVDI, até o lazer dependem das tecnologias. Tudo ou quase tudo depende do digital e conseqüentemente da sua literacia. Para muitos o digital é problemático, para pessoas que não funcionam do convencionalmente esperado.

Uma solução será capacitar. Capacitar a pessoa, os seus cuidadores, os futuros profissionais, os profissionais e a população em geral. Como? De forma contextualizada e interligada. O aTOPlab – Assistive Technology and Occupational Performance Laboratory é uma estrutura que congrega investigação, formação e atividades de extensão à comunidade na área das Tecnologias e Produtos de Apoio. Procura a capacitação de todos e para todos numa forma estruturada e simbioticamente interligada com a investigação, comunidade e investidores sociais.

NOTA BIOGRÁFICA

Jaime Ribeiro é doutorado em Multimédia em Educação pela Universidade de Aveiro e licenciado em Terapêutica Ocupacional pela Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto. É Professor Adjunto Politécnico de Leiria. Coordena o aTOPlab – Assistive Technology and Occupational Performance Laboratory. É membro efetivo da Sociedade Portuguesa de Engenharia de Reabilitação, Tecnologias de Apoio e Acessibilidade (SUPERA). Integra o Center for Innovative Care and Health Technology do Politécnico de Leiria (CiTechCare) e colabora com o Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro (CIDTFF-UA). A sua docência e investigação incidem sobre Terapia Ocupacional, Tecnologias e Produtos de Apoio, abordagem qualitativa em investigação, reabilitação, reabilitação/estimulação cognitiva, funcionalidade/incapacidade, uso de tecnologias em processos de ensino e aprendizagem e envelhecimento.

Citação (normas APA 7.ª edição): Ribeiro, J. (2022). Capacitar para Incluir: o caso do aTOPlab. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.15). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Painéis Temáticos

**Painel 2 - Das Literacias às Perturbações de
Aprendizagem Específicas**

AS ESTRATÉGIAS DE ANTECIPAÇÃO E APOIO PARA O DESENVOLVIMENTO DA(S) LITERACIA(S)

Luís Filipe Barbeiro

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria,
Portugal, luis.barbeiro@ipleiria.pt

RESUMO

Integrada no Painel “Das Literacias às Perturbações de Aprendizagem Específicas”, a presente comunicação procura estabelecer um percurso entre a consciência de exigências da(s) literacia(s), por parte dos professores (ou futuros professores), e a concretização de estratégias que promovam o seu desenvolvimento, por meio da antecipação das dificuldades que serão encontradas e colocação em prática dos apoios que as permitam ultrapassar.

Toma-se como enquadramento teórico-concetual a perspetiva social-semiótica para a construção do significado e como abordagem pedagógica as propostas da pedagogia de base genológica, designadamente do programa Ler para Aprender desenvolvido pela Escola de Sydney (Rose & Martin, 2012).

Para o percurso referido, serão convocados dois estudos exploratórios: um sobre as representações de futuros professores sobre as dificuldades no domínio ortográfico em diferentes níveis de escolaridade e de desenvolvimento das crianças e outro sobre a concretização de estratégias de antecipação de dificuldades e de ativação do apoio correspondente, nesse domínio. Este segundo estudo, desenvolvido em turma, no terceiro ano de escolaridade, incluiu e estendeu as estratégias a crianças com necessidades educativas especiais/ perturbações de aprendizagem específicas. Os resultados dos estudos em foco mostram o potencial para a aprendizagem e desenvolvimento da literacia do reforço da consciencialização dos professores em relação às competências apresentadas pelas crianças com diferentes graus de domínio da competência em causa, combinado com a mobilização dessa consciência para a concretização de estratégias de apoio fundado na antecipação das dificuldades, para que as crianças alcancem sucesso na realização das tarefas.

REFERÊNCIA

Rose, D., & Martin, J. R. (2012). *Learning to write, Reading to learn: Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Equinox.

NOTA BIOGRÁFICA

Luís Filipe Barbeiro é professor coordenador principal da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria; doutor e agregado em Educação, respetivamente nas especialidades de Metodologia do Ensino do Português e Literacias e Ensino do Português. Tem focado a sua investigação na didática da escrita, língua materna e não materna. Participou em vários projetos científico-pedagógicos, com relevo para os projetos Diversidade Linguística na Escola Portuguesa, Escrita: Construção e Expressão do Conhecimento, TeL4ELE (Teacher Learning for European Literacy Education/ Formação de Professores para o Desenvolvimento da Literacia na Europa), Lectibe (Leitores Ibéricos), ELiCa (European Literary Canon), Euro-Mania, Protextos. Na área da didática da escrita, publicou artigos em revistas nacionais e internacionais e diversos livros.

Citação (normas APA 7.ª edição): Barbeiro, L. (2022). As estratégias de antecipação e apoio para o desenvolvimento da(s) literacia(s). In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.17). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA JUNTO DAS PERTURBAÇÕES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS NA LEITURA

Fátima Almeida

DISLEX - Associação Portuguesa de Dislexia, Portugal, mfffalmeida@gmail.com

RESUMO

A apresentação será dividida em três partes: (i) Perturbações de Aprendizagem Específicas na Leitura (PAE-L), (ii) Educação e Escola Inclusivas (dos modelos...), (iii) Promoção de uma Educação Inclusiva junto das Perturbações de Aprendizagem Específicas na Leitura (... às barreiras e à sua eliminação). Começar-se-á por fazer uma alusão às PAE-L, de acordo com o DSM-5.

Após uma análise a modelos de atendimento à deficiência/diversidade, apresentar-se-á uma visão crítica relativamente ao modelo social, apresentado como incompleto e como uma das causas de afirmações que têm sido profusamente defendidas sobre a irrelevância do diagnóstico para a intervenção, com consequências claras para o atendimento que está a ser feito nas escolas portuguesas. Serão apresentadas cinco barreiras nas PAE-L e alguns aspetos a ter em conta para que seja possível a diminuição desses obstáculos.

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciatura em Humanidades - Português, Latim e Grego - pela Universidade Católica Portuguesa; Mestrado em Ciências da Educação, na área da Educação Especial; Professora Especializada em Educação Especial; Professora Especializada em Supervisão Pedagógica e Avaliação de Professores; Professora Formadora (em Avaliação, Educação Especial, Didática Específica do Português e Sensibilização para a Educação Especial); entre outras funções, Professora Avaliadora Externa e elemento da EMAEI. Doutoranda em Ciências da Educação na Universidade Católica Portuguesa – Porto (concluída a parte curricular; encontra-se em fase avançada da Tese).

Integra a equipa do Centro de Dislexia da Universidade Católica de Portugal - Viseu, nos domínios da intervenção, formação e investigação.

Foi Vice-Presidente da DISLEX- Associação Portuguesa de Dislexia de 2013 a 2020, integrando atualmente o Departamento Científico-Pedagógico desta Associação.

Tem colaborado com a APCS - Associação Portuguesa para Crianças Sobredotadas. É formadora na área da Sobredotação.

Professora certificada pelo CAST em Universal Design for Learning – UDL (Desenho Universal para a Aprendizagem - DUA).

Foi professora da disciplina de Português no terceiro ciclo e no ensino secundário durante 10 anos; é, desde 2003, professora de Educação Especial, sendo professora do Quadro do Agrupamento de Escolas de Nelas.

Publicou artigos sobre Dislexia, Sobredotação e Avaliação. É autora de comunicações em congressos nacionais e internacionais. Tem sido convidada para moderar painéis de Conferências em congressos nacionais e internacionais. Tem organizado e colaborado na organização de Congressos e outros eventos nacionais e internacionais. Tem coordenado projetos na área da inclusão (Dislexia, Sobredotação e inclusão em geral), incluindo projetos Erasmus+.

Foi convidada pela Porto Editora, para construir materiais para alunos com dificuldades de leitura e escrita, que fazem parte do manual TOP 2 do 2º ano.

Autora de 2 livros: et al. (2012), um romance sobre o impacto da dislexia na primeira pessoa; e Supervisão, Avaliação e Educação Especial (2015), ambos publicados pela Editora Edições Esgotadas. Coautora de 2 livros: NO REGRESSO À ESCOLA - Reimaginar e praticar uma gramática generativa e transformacional (2021) e ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA Perspetivas pedagógicas para a ação (2021), ambos publicados pela Universidade Católica Portuguesa, Porto.

Livro de Resumos

[Citação \(normas APA 7.ª edição\)](#): Almeida, F. (2022). Promoção de uma Educação Inclusiva junto das Perturbações de Aprendizagem Específicas na Leitura. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.18). Escola Superior de Educação do Instituto.

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS

Vitor Cruz

Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Portugal,
vcruz@fmh.ulisboa.pt

RESUMO

O domínio da leitura, da escrita e da matemática é a mais fundamental aquisição académica, com repercussões em todas as aprendizagens, sejam elas escolares, profissionais e ou sociais. No entanto, existe uma elevada percentagem de crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem da leitura, da escrita e da matemática, com enormes custos académicos, pessoais e sociais subsequentes.

Nesta linha e procurando tomar uma posição inclusiva no que se refere a esta problemática, podemos afirmar que, com uma instrução adequada, podemos reduzir a percentagem de crianças que necessitarão de uma assistência especial para aprenderem a ler, a escrever e a fazer cálculos.

Mas, alterar a prática atual de ensino das áreas académicas referidas requer uma mudança fundamental no modo como a instrução da leitura, da escrita e da matemática geralmente é vista. Na realidade, é essencial promover a consciência de que, não obstante aquelas serem tarefas complexas, estas são aprendizagens que envolvem processos cognitivos e emocionais, que se iniciam cedo (ainda antes da entrada na escola) e que envolvem vários participantes, como são os pais, os professores e, naturalmente, as crianças que estão a aprender a ler.

NOTA BIOGRÁFICA

Licenciado em Educação Especial e Reabilitação, mestre em Educação Especial e doutorado na especialidade de Educação Especial e Reabilitação. Professor Auxiliar do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Humanidades da Faculdade de Motricidade Humana, Universidade de Lisboa. Consultor para a área das Dificuldades de Aprendizagem no Centro de Desenvolvimento e Aprendizagem SEI.

Autor dos livros:

- Do aprender a ler ao ler para aprender: Guia para professores, educadores e pais;
- Compreender a leitura e as dificuldades na sua aprendizagem;
- Dificuldades de Aprendizagem Específicas;
- Abordagem cognitiva da leitura;
- Dificuldades de Aprendizagem: Fundamentos; e - Educação cognitiva e aprendizagem.

Autor de vários capítulos de livros e artigos relacionados com temas como: Inteligência, Aprendizagem, Cognição, Educação Cognitiva, Dificuldades de Aprendizagem, Dificuldades na Aprendizagem da Leitura, Necessidades Educativas Especiais e outros da especialidade.

Interesses centrados nas questões da Inteligência, Psicologia Cognitiva, Educação Cognitiva, Aprendizagem da Leitura, Dificuldades de Aprendizagem e Necessidades Educativas Especiais.

Neste momento, para além da lecionação, é o Coordenador da Pós-Graduação em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor, da Faculdade de Motricidade Humana, é o Editor da Revista de Educação Especial e Reabilitação, desenvolvendo também investigação no âmbito da avaliação e intervenção na Leitura e nas Dificuldades na Aprendizagem da Leitura.

Citação (normas APA 7.ª edição): Cruz, L. (2022). Desafios da Educação Inclusiva: Dificuldades de Aprendizagem Específicas. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.20). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Painéis Temáticos

Painel 3 - Participação e Educação Inclusiva

PARTICIPAÇÃO E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: IMPLICAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO PARA A PRÁTICA

Catarina Grande

Universidade do Porto, Portugal, cgrande@fpce.up.pt

RESUMO

A participação é um direito fundamental de todas as crianças (Brown & Guralnick, 2012) e encontra-se salvaguardado nos diversos contextos de vida em vários documentos internacionais. Destes, salienta-se o documento produzido na Convenção sobre os Direitos das Crianças (UNICEF, 1989), que ressalva os direitos da criança em sociedade e a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), que reconhece e reafirma o direito universal à Educação (e à participação na mesma), atendendo às características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem de cada criança. Em 2005, a United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO) apresenta um conjunto de diretrizes fundamentais para a definição de políticas e de práticas inclusivas nos diferentes estados-membros onde é destacada a necessidade de a inclusão ser compreendida como um processo de procura ininterrupta de formas mais eficazes de dar resposta à diversidade de necessidades. Mais recentemente, a Comissão Europeia (2013) recomendou que fossem desenvolvidas estratégias integradas que tenham em consideração os superiores interesses das crianças, reconhecendo-as como titulares independentes dos seus próprios direitos.

Com base nestas linhas orientadoras internacionais, vários países têm desenvolvido medidas e políticas que permitam a criação de apoios e serviços que assegurem a participação das crianças, principalmente em contextos educativos (Guralnick, 2008). Contudo, apesar da regulamentação e legislação de práticas inclusivas, bem como do aumento das atividades e projetos participativos para crianças e jovens (Thomas, 2007), existem falhas na sua participação em diversas atividades e contextos, sendo que “a Participação e Educação Inclusiva: Implicações da investigação para a prática cultura da não participação é ainda endémica” (Mathews, 2003). Especificamente no caso das crianças com incapacidades, vários autores referem que estas experienciam frequentemente restrições na sua participação, tanto ao nível da frequência como ao nível do envolvimento, em atividades quotidianas dos seus diversos contextos de vida (e.g. Engel-Yeger et al, 2009; Grande, 2013; Bailey et al., 2014; Eriksson et al., 2007; Casey et al., 2012; Ferreira et al., 2012).

Esta constatação de participação diminuída por parte das crianças com incapacidades, aliada ao facto de os pais de crianças com Necessidades Educativas Especiais mencionarem que as atuais políticas e serviços disponíveis constituem também obstáculos à participação (Guichard & Grande, 2018), revela a existência de uma discrepância entre as medidas políticas legisladas e a implementação prática das mesmas e, ainda, a escassez de instrumentos autênticos e validados que permitam aferir as perceções subjetivas de inclusão destas mesmas crianças nos seus contextos quotidianos (Correia et al., 2019).

Nesta comunicação será refletido o conceito de participação e serão apresentados resultados da investigação acerca da participação de crianças em idade pré-escolar.

NOTA BIOGRÁFICA

Catarina Grande, Ph.D. em Psicologia, é Professora Auxiliar de pré/pós-graduação na FPCEUP e membro integrado do Centro de Psicologia da Universidade do Porto. Os principais interesses de investigação são as crianças em idade pré-escolar com desenvolvimento típico/atípico. Participou de diferentes projetos de investigação sobre a intervenção precoce na infância e educação pré-escolar e mais recentemente em projetos relacionados com a cidadania, inclusão social e as competências digitais. Tem desenvolvido cursos de formação e workshops para profissionais de intervenção precoce, mas também para pais de crianças com incapacidade/deficiência. As suas publicações são na área da educação inclusiva, da intervenção precoce e da área da saúde em idade pediátrica.

Citação (normas APA 7.ª edição): Grande, C. (2022). Participação e Educação Inclusiva: Implicações da Investigação para a Prática. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos -*

Livro de Resumos

Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias (1.^a Ed., p.22). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI), Centro de Competências do TIC do Instituto Politécnico de Viseu (CCTIC-IPV) e Centro de Competências do TIC da Universidade do Minho (CCTIC-UM).

A PARTICIPAÇÃO ENQUANTO DIREITO: RECURSOS DE DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Cecília Aguiar

Instituto Universitário de Lisboa (Iscte), CIS, Lisboa, Portugal,
Cecilia.Rosario.Aguiar@iscte-iul.pt

RESUMO

A participação das crianças – entendida como o seu direito a serem ouvidas e a terem as suas opiniões consideradas (Convenção dos Direitos da Criança, Nações Unidas, 1989) – tem sido considerada uma dimensão da qualidade das suas experiências em contextos de educação de infância (Correia et al., 2022). No entanto, a implementação deste direito continua a ser um desafio. Nesta comunicação, apresentamos uma abordagem de desenvolvimento profissional, desenvolvida no âmbito do projeto Erasmus+ PARTICIPA, com o objetivo de reforçar os conhecimentos, competências e atitudes positivas dos profissionais de educação de infância em relação à participação das crianças. Alicerçados no modelo de Lundy (Lundy, 2007), os recursos de desenvolvimento profissional propostos incluem um instrumento de autoavaliação (três versões distintas destinadas a educadores/as de infância, assistentes operacionais e coordenadores/as) bem como um MOOC (curso online aberto e massivo) de 20 horas. Os resultados de um estudo de exequibilidade (com recolha de dados pré- e pós-intervenção, e grupo de controlo), realizado em 36 jardins de infância na Bélgica, Grécia, Polónia e Portugal, sugerem que o uso destes recursos de desenvolvimento profissional parece surtir efeitos positivos nas atitudes e práticas dos profissionais. Estes efeitos foram obtidos a partir de uma abordagem focada no uso flexível de recursos de desenvolvimento profissional, disponíveis online, salientando a relevância da colaboração entre os vários elementos da equipa educativa. Nesta comunicação, salientaremos a importância de uma abordagem multinível de desenvolvimento profissional e do direito à participação como uma lente a considerar no âmbito da educação inclusiva.

NOTA BIOGRÁFICA

Cecília Aguiar é Professora Auxiliar no Departamento de Psicologia Social e das Organizações e investigadora no CIS-IUL - Centro de Investigação e Intervenção Social, onde coordena os trabalhos do grupo de investigação CED – Comunidade, Educação e Desenvolvimento. Com formação em psicologia do desenvolvimento e da educação, tem conduzido e participado em projetos de investigação, com financiamento nacional e europeu, no âmbito da qualidade dos contextos de educação de infância e dos seus efeitos no desenvolvimento das crianças. É uma das responsáveis pelo blogue PrimeirosAnos.pt, uma iniciativa conjunta do ISCTE, da Escola Superior de Educação de Lisboa e da Escola Superior de Educação do Porto, dedicado a temáticas relevantes no âmbito da educação de infância, intervenção precoce e inclusão. Entre 2019 e 2022, coordenou o projeto Erasmus+ PARTICIPA.

Citação (normas APA 7.ª edição): Aguiar, C. (2022). A participação enquanto direito: recursos de desenvolvimento profissional. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.24). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: ALGUNS CONTRIBUTOS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO DE UM DIREITO UNIVERSAL

Manuela Sanches-Ferreira

Instituto Politécnico do Porto, Portugal, manuelaferreira@ese.ipp.pt

RESUMO

Será difícil encontrar alguém que não considere um direito basilar de todos os indivíduos a ideia de educação inclusiva e de contextos sociais inclusivos. De facto, a assunção da aceitação da inclusão tornou-se, há pelo menos duas décadas, um lugar-comum para todos os profissionais ligados à educação formal e informal. Então, uma pergunta urge: porque continuamos tão insistentemente a falar do direito à educação inclusiva e tão pouco de formação, de programas, da sua implementação e dos seus resultados?

Estaremos perante o risco de se tornar a inclusão um conceito vago, baseado numa aceitação passiva, em que cada um dos profissionais tem, secretamente, o seu nível de tolerância do que é possível numa sala de aula, jogando, por isso, o jogo do SIM,...MAS?

Nesta comunicação, partindo do conceito de inclusão como uma interseção entre filosofia, legislação e conhecimentos, iremos situar a nossa intervenção sobretudo nestes dois últimos polos, analisando através dos resultados de estudos empíricos, aspetos chave da implementação da legislação, do conhecimento disponível e da sua utilização no quotidiano educativo. Por último apresentaremos a aplicação IAM - como uma ferramenta que apoia esta ligação entre o SIM...MAS e o COMO. A aplicação IAM baseada no modelo biopsicossocial e, de modo particular, no referencial CIF, é uma plataforma que permite sistematizar dentro da turma a caracterização do(s) problema(s) para apoiar — e propor, baseado na literatura empírica a identificação de soluções ambientais baseadas em evidencia científica.

Esta ferramenta, construída após uma revisão sistemática da literatura, funciona como uma matriz entre as atividades e participações relacionadas com a escola e uma ligação com um conjunto vasto de suportes ambientais -desde métodos/processos pedagógicos e de apoio inter-relacional até produtos/ instrumentos de apoio e fatores institucionais/políticos de gestão da escola.

NOTA BIOGRÁFICA

Manuela Sanches-Ferreira, coordena o Mestrado em "Educação Especial: Multideficiência e Problemas da Cognição e a Unidade de Apoio às Escolas Inclusivas", e é diretora desde 2016 do Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) da Escola Superior de Educação do Porto Politécnico, financiado pelos Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (desde 2020).

Coordenou vários projetos de intervenção comunitária com minorias sociais e económicas financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Aga Khan (1991-2003) e coordenou mais de dez projetos europeus financiados. Consultora da Unicef na Arménia (três projetos) e em Moçambique (2020-21).

Citação (normas APA 7.ª edição): Sanches-Ferreira, M (2022). Educação Inclusiva: Alguns Contributos para a Operacionalização de um Direito Universal. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.25). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Sessões Paralelas

Apresentação de Pósteres e Comunicações Orais

Sessão Paralela A1

ALUNOS SURDOS EM CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: RUMO A UMA SOCIEDADE DIGITAL MAIS INCLUSIVA

Maria Aparecida de Araújo Lima^{1*}, Manuel Meirinhos², Ana García-Valcárcel³

¹Universidad Salamanca, Espanha, idu019119@usal.es, ²Centro de Investigação em Educação Básica (CIEB), meirinhos@ipb.pt, ³Universidad Salamanca, Espanha, anagv@usal.es

RESUMO

As possibilidades de educação inclusiva em cursos de formação de professores surdos com uso de tecnologias digitais são infinitas. Porém, faz-se necessária a sua utilização adequada, objetivando a equidade, a cidadania e o bem-estar desses professores em formação, com necessidades especiais, para se comunicarem com segurança na língua apropriada, de acordo com o país onde residam ou transitem. Também é necessário considerar que os estudantes precisam ampliar os seus conhecimentos e que isso, às vezes, requer irem além das fronteiras da escola presencial, o que implica a utilização das tecnologias digitais. O assunto aqui discutido tem como objetivo apresentar três histórias de sucesso com pessoas surdas de acordo com o período em que cada uma pertencia: a) (1857) Eduard Huet, um francês que fazia parte da nobreza, falava fluentemente o francês, português e alemão, contraiu sarampo e por causa da doença ficou surdo aos doze anos; b) (2016) "Vitória" (nome fictício), estudante surda, fluente em LIBRAS, graduada em Biologia, pós-graduada em Docência em Libras e na época foi aprovada na Universidade Federal de Alagoas (Brasil) para realizar o curso de formação de professor Letras-LIBRAS; e c) (2017) Andrea, foi professora do ensino fundamental e quando teve necessidade de lecionar para uma aluna surda, resolveu aprofundar o seu conhecimento da língua de sinais. Reconhecendo esta necessidade, também apresentamos quatro plataformas de tradução automática da língua de Sinais ou Língua Gestual consideradas importantes para surdos e ouvintes, estudantes universitários ou não: a) Hand Talk, b) Dicionário da Língua Brasileira de Sinais online, c) VLibras e d) Spreadthesign - dicionário internacional que torna acessíveis línguas gestuais de diversos países. Estas plataformas mostram bem a importância das tecnologias digitais na sociedade emergente, que se pretende inclusiva. O objetivo do artigo pode ir mais além: Tentar tornar pessoas mais consciente sobre as dificuldades que as pessoas surdas encontram nos momentos da sua formação e integração em contextos educativos e de formação e, ao mesmo tempo, mostrar que começam a emergir recursos digitais que, de alguma forma, poderão facilitar o processo de comunicação. A metodologia adotada é uma metodologia descritiva e interpretativa, procurando apresentar uma problemática emergente e como a sociedade digital pode começar a reagir para iniciar a resolução dessa problemática. O assunto aqui discutido faz parte de uma investigação de doutoramento em andamento, no âmbito da análise de material didático para cursos de formação de professores oferecidos a distância (online), adaptado para pessoas com deficiência auditiva, numa universidade do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Educação inclusiva, Tradutores Automáticos, Língua Gestual, LIBRAS.

Citação (normas APA 7.ª edição): Lima, M. A. A, Meirinhos, M., & García-Valcárcel, A. (2022). Alunos Surdos em Cursos de Formação de Professores: Rumo a uma Sociedade Digital Mais Inclusiva. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.27). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

PERCEÇÃO DE JOVENS SOBRE SI E OUTROS NO CONTEXTO DE DANÇA INCLUSIVA

Teresa Ferreira da Costa^{1*}, Sara Felizardo², José Sargento³

¹Teresa Ferreira da Costa, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, teresaferreiracosta@gmail.com; ²Sara Felizardo, CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, sfelizardosev.ipv.pt; ³José Sargento, CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, jsargento@esev.ipv.pt

RESUMO

O projeto “Dança Inclusiva” tem como propósito aferir a percepção de jovens com e sem incapacidade sobre si e os outros, enquanto bailarinos de dança inclusiva. Foi elaborado um estudo com o grupo “Dançando com a Diferença”, de Viseu, que contou com 30 participantes. Utilizou-se uma metodologia mista, quantitativa e qualitativa, que incluiu como instrumentos de recolha de dados as versões portuguesas da Escala Contour Drawing Rating Scale (Thompson & Gray, 1995) e da Escala de AutoEstima de Rosenberg (Rosenberg, 1965), bem como um inquérito por questionário, construído para o efeito, sobre a temática em estudo. Os dados obtidos foram alvo de análise estatística descritiva e inferencial, bem como de análise de conteúdo dos discursos dos participantes. Em relação aos resultados na pesquisa, apurámos que a amostra apresenta valores de autoestima acima da média $M=31.46\pm 3.53$ e, na imagem corporal, a média da discrepância entre a aparência ideal e a atual foi de $M=1.03\pm 2.2$. No que concerne às análises diferenciais nos grupos de participantes, observa-se que os valores de autoestima são mais elevados no género feminino, embora a diferença não seja estatisticamente significativa, $t(26)=0.956$, $p=.348$, sendo que as diferenças na imagem corporal, em função do género, não se apresentaram significativas ($\chi^2(2)=3.117$, $p=.267$). O resultado da autoestima em jovens sem incapacidade apresentou-se mais elevado; contudo, a diferença não se mostrou estatisticamente significativa, $t(26)=0.591$, $p=.560$; também no que se refere à imagem corporal, a diferença não é significativa ($\chi^2(2) = 0.321$, $p=.784$). Relativamente às percepções dos jovens “bailarinos(as)” sobre a participação no grupo de dança inclusiva, ressalta-se a emergência de quatro categorias relevantes, “Determinação”, “Participação”, “Improvisação” e “Propósito”. Em relação às subcategorias, surgiram como mais frequentes, “dançar” e “inclusão”, seguindo-se “pertença” e “arte/ criar”. Este tipo de projetos de dança inclusiva salientam as potencialidades das atividades artísticas, ao nível da dança, propiciadoras da mudança da imagem social das pessoas com incapacidade, como sendo participativas e competentes em contextos promotores da sua autoestima, imagem pessoal e autodeterminação.

PALAVRAS-CHAVE: dança inclusiva, autoestima, autoimagem, autoconceito, incapacidade.

Citação (normas APA 7.^a edição): Costa, T. F, Felizardo, S., & Sargento, J. (2022). Percepção de Jovens sobre Si e Outros no Contexto de Dança Inclusiva. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p.28). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

A LEITURA E AS PERTURBAÇÕES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS

Inês Ferraz^{1*}

¹ Centro de Investigação em Estudos da Criança, Universidade do Minho, Portugal,
inespferraz@gmail.com

RESUMO

O desenvolvimento da literacia inicia-se muito antes da educação formal e é preditor do sucesso na aprendizagem da leitura. Para que uma criança tenha facilidade na aquisição da leitura deve dominar uma série de competências linguísticas que se influenciam reciprocamente. O conhecimento da linguagem oral, o conhecimento lexical, o conhecimento morfosintático, a consciência fonológica e o conhecimento das letras assumem-se como cruciais para a aprendizagem da leitura. Em termos cognitivos o primeiro processo envolvido na leitura é a descodificação, esta deve ser alcançada de forma automatizada para que seja possível, o cérebro, libertar os recursos cognitivos necessários aos outros processos envolvidos na compreensão. São os processos cognitivos de alto nível que irão permitir ao leitor compreender o sentido do texto e extrair a mensagem. As dificuldades de aprendizagem da leitura apresentadas pelas crianças com Perturbações de Aprendizagem Específicas parecem só ser ultrapassadas com uma intervenção. Por isso, pretende-se fazer uma reflexão a partir da revisão da literatura acerca da importância de uma intervenção adequada para as crianças ultrapassarem as dificuldades que enfrentam. A revisão da literatura e a experiência na área da docência mostram que “esperar para ver”, contribui para a perda de um tempo precioso para prevenir o agravamento das dificuldades que, em muitos casos, poderiam ter sido esbatidas se tivesse havido uma Intervenção Precoce. É fundamental o trabalho em equipa (família, professores, terapeutas, psicólogos, técnicos, (...)) na intervenção das dificuldades apresentadas na leitura adequadas às necessidades de cada criança, porque cada criança possui especificidades que a caracterizam e necessita de uma resposta individualizada. O despiste e intervenção precoces – ainda antes e durante o 1.º ano de escolaridade – mesmo que pareçam ter à primeira vista um custo elevado, são mais do que justificados, na prevenção de potenciais efeitos nefastos na vida destas crianças e consequentemente no seu futuro. Desta forma, é crucial que estejamos atentos a possíveis dificuldades, tentemos compreender que tipo de dificuldade a criança apresenta e façamos um rastreio atempado garantindo um acompanhamento precoce e uma intervenção adequada.

PALAVRAS-CHAVE: leitura, perturbações, aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- Cruz, V. (2009). *Dificuldades de Aprendizagem Específicas*. Lisboa: Lidel. ISBN: 978-972-757-461-5
- Ferraz, I. (2020). *Aprender a ler: um livro para pais, professores, educadores e todos os interessados na aprendizagem da leitura*. Novas Edições Académicas. ISBN: 978-620-2-80574-2
- Moura, O. (2022). Compreendendo a Disgrafia: Das Evidências Científicas à Sala de Aula. In Alves, R. A. & Leite, I. (Eds.) *Ensino da Leitura e da Escrita Baseado em Evidências* (pp. 369-388). Fundação Belmiro de Azevedo. ISBN: 978-989-53711-0-5
- Moura, O., Pereira, M., & Simões, M. (2018). *Dislexia: teoria, avaliação e intervenção*. Lisboa: Lidel/Pactor. ISBN: 978-989-6930776

Citação (normas APA 7.ª edição): Ferraz, I. (2022). A Leitura e as Perturbações de Aprendizagem Específicas. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.29). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS INCLUSIVAS NA SOCIEDADE MULTITASKING

Paula Cristina Ferreira ^{1*}

¹ ESECS; CI&DEI; Politécnico de Leiria; Portugal; paula.ferreira@ipleiria.pt

RESUMO

A sociedade contemporânea, acelerada e competitiva, exige da escola uma capacidade de resposta, imediata e eficaz, ao preparar os seus alunos para a praxis social. Com este pressuposto, é premente um outro apetrechamento dos alunos, e da sociedade. Por esse motivo é urgente dotar o indivíduo não só de competências cognitivas, mas também de competências transversais, afetivas/emocionais que lhe permitam enfrentar, de modo resiliente, os desafios sociais, profissionais e pessoais. Nesta comunicação, objetiva-se, por um lado, refletir sobre o documento normativo – Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) – para o Ensino Básico e Secundário, enquanto promotor de competências cognitivas e afetivas. Por outro lado, pretende-se também evidenciar como, através das áreas de competência, se convoca o desenvolvimento de competências transversais de que a fluência de leitura e a fluência de escrita são exemplos. No atual contexto escolar, alicerçado no PASEO, assiste-se à expansão da flexibilidade curricular, adaptada às especificidades das escolas e (in)habilidades dos alunos, onde se considera relevante a promoção de práticas e percursos didáticos com mindset de crescimento (atitude mental que a pessoa adota para vencer na vida). Neste sentido, as práticas pedagógicas devem ser impulsionadoras do mindset de crescimento que se pauta por uma atitude flexível, positiva e empática para buscar, por um lado, o crescimento e o desenvolvimento de habilidades/potencialidades e, por outro, a otimização do seu desempenho. O sujeito aprendiz com este tipo de mindset, por oposição ao mindset fixo, revelará também disponibilidade para a aprendizagem, considerando o erro e o obstáculo um desafio para resolver e não um momento para desistir ou sentir o fracasso. O que significa afirmar que o desenvolvimento do mindset de crescimento poderá constituir uma resposta com vista à construção de uma Sociedade Inclusiva e de uma Educação Inclusiva. Entende-se, por esse motivo, que o mindset dinâmico pode ser aplicado em contexto familiar, escolar e também profissional por forma a desenvolver nos indivíduos, independentemente das suas especificidades, uma atitude de superação onde o esforço, a autorregulação e a autoanálise são habilidades positivas e promotoras de resultados incentivadores com vista ao sucesso nas diferentes esferas de atuação: pessoal, profissional ou social. Metodologicamente, após a reflexão sobre articulação das áreas de competência, presentes no PASEO, com a competência leitora e de escrita, enquanto competências transversais, abordar-se-á um percurso estratégico de autorregulação e de autoeficácia particular, o Self-regulated strategy development (SRSD), onde um feedback de qualidade, a nível escolar/educacional, pode revelar-se um instrumento de atuação profícuo, para o sucesso académico a curto prazo e, a médio prazo, enfrentar a realidade social multitasking e em constante atualização.

PALAVRAS-CHAVE: autorregulação, competências transversais, educação inclusiva, flexibilidade curricular, mindset de crescimento

REFERÊNCIAS

- Dweck, C. (2018). *Mindset a atitude mental para o sucesso*. Vogais.
- Harris, K., Graham, S., Manson, L., & Friedlander, B. (2008). *Powerful writing strategies for all students*. Brookes.
- Martins et al. (Coord.). (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. DGE.

Citação (normas APA 7.ª edição): Ferreira, P. C. (2022). Competências Transversais Inclusivas na Sociedade Multitasking. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.30). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Sessões Paralelas

Apresentação de Pósteres e Comunicações Orais

Sessão Paralela A2

A VOZ DOS ESTUDANTES NA INOVAÇÃO DE PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA

Isabel de Lurdes Pereira do Cabo^{1*}

¹Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu

RESUMO

Pretende-se com esta comunicação dar a conhecer uma investigação realizada na disciplina de espanhol, decorrida no âmbito do ensino superior em Portugal, que reflete sobre questões que afetam atualmente o contexto escolar, tanto ao nível da implementação de metodologias de ensino como de práticas de avaliação pedagógica, que tem como intenção constituir uma resposta para melhorar os níveis de assiduidade, participação e qualidade na aprendizagem e o intuito promover a aprendizagem dos estudantes universitários lusofalantes mais além do “portunhol”. Na experiência de avaliação pedagógica com recurso a equipamentos e ferramentas digitais são apresentadas as motivações que levaram a implementar a presente experiência educativa, é apresentado o perfil dos alunos que estudam espanhol como segunda ou terceira língua estrangeira (E/LE2/LE3) em Licenciaturas nas áreas de Secretariado e Administração bem como de Turismo, na Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu, as suas perceções sobre as potencialidades da utilização de dispositivos móveis e as suas opiniões sobre o uso de portfólios digitais na aprendizagem e avaliação. Os resultados revelam a relação dos aprendizes com seus dispositivos móveis, as suas perceções quanto ao seu possível uso em aulas de língua estrangeira, o potencial dos portfólios digitais na avaliação regular dos alunos, a rubrica de avaliação dos portfólios digitais e as conclusões da integração efetiva dos dispositivos móveis dos alunos e portfólios digitais no processo de ensino, aprendizagem e avaliação. Esta intervenção mostra que a aprendizagem móvel também acrescenta valor às práticas de avaliação pedagógica, os telemóveis podem constituir-se como ferramentas “agradáveis” na construção da aprendizagem e avaliação de línguas e que os portfólios digitais representam um instrumento muito rico que reflete a aprendizagem dos alunos. A intervenção é apresentada considerando-se cinco partes distintas: exposição do estado da arte do conceito de portfólio de aprendizagem, explicitando-se algumas definições; apresentação de algumas ferramentas gratuitas e livres para criar portfólios digitais; reflexão sobre os principais aspetos positivos e negativos do uso de portfólios digitais; partilha de resultados das pesquisas aplicadas aos alunos e de amostras de portfólios digitais de aprendizagem criados pelos alunos ao longo do ano letivo para a disciplina de espanhol como língua estrangeira; e apresentação de algumas conclusões e linhas futuras sobre o uso de portfólios digitais na aprendizagem de línguas estrangeiras no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação pedagógica, portefólios digitais, ensino superior, espanhol.

Citação (normas APA 7.ª edição): Cabo, I. L. P. (2022). A voz dos estudantes na inovação de práticas de avaliação pedagógica. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.32). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

O PROJETO “3RS EM AÇÃO”: ATIVIDADES PROMOTORAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL INCLUSIVA

Elsa Silvina André¹ e Maria João Loureiro²

¹Universidade do Namibe, Angola, elsa3silvina@gmail.com; ²Universidade de Aveiro, Portugal, mjoao@ua.pt

RESUMO

A Educação Ambiental visa promover a consciencialização para problemas relacionados com o meio em que vivemos e ajudar a alterar atitudes e práticas, tendo em vista a preservação do meio ambiente. A literatura da especialidade reporta que, nas últimas décadas, tem havido um aumento de consumo e, por consequência, um grande crescimento de Resíduos Sólidos Urbanos, que incluem os resíduos que produzimos no nosso dia-a-dia, como as embalagens plásticas ou os restos de cozinha. Esta é a realidade vivenciada na província do Namibe, Angola, em particular na capital Moçâmedes, que tem amontoados de Resíduos Sólidos Urbanos a céu aberto, próximos de bairros residenciais, o que acarreta problemas de saúde e ambientais. Este problema incentivou o desenvolvimento de um estudo cujo objetivo foi levar crianças a adotarem as práticas dos 3Rs (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), tendo como fim a redução dos Resíduos Sólidos Urbanos nas suas comunidades. A investigação, de natureza qualitativa, de tipo estudo de caso, focou-se no projeto “3Rs em ação”. Estiveram envolvidas 20 crianças, de 4 e 5 anos, e uma educadora de um Jardim de Infância de Moçâmedes, bem como as famílias das crianças e, de forma indireta, cibernautas da comunidade educativa angolana e outras, dado a página ter seguidores angolanos, portugueses e brasileiros, entre outros. Com base na literatura foram desenvolvidas (concebidas, implementadas e avaliadas) diversas atividades, como o uso de filmes e imagens da Internet, para sensibilizar as crianças para o tema do projeto. Todas as atividades foram divulgadas numa página do Facebook, o que permitiu que o projeto fosse acompanhado pelas famílias e cibernautas. Foi possível, assim, consciencializar um público mais alargado para a temática dos 3Rs, bem como disseminar várias práticas de redução, reutilização e reciclagem de Resíduos Sólidos Urbanos, nomeadamente a reutilização de garrafas PET e de papel de jornal e a reciclagem de desperdícios da cozinha, para fazer tintas. O trabalho obteve grande aceitação pelas crianças e pelas famílias que, entre outros, contribuíram para o projeto, separando resíduos que foram utilizados pelas crianças no decurso das atividades. Muitos cibernautas da comunidade educativa angolana, mas também de outros países, como acima referido, seguiram o trabalho das crianças, deixando palavras de incentivo e expressando vontade de executar as experiências partilhadas. Os resultados indicam que o projeto promoveu a aquisição de conhecimentos e a alteração de atitudes (das crianças e da educadora) e de práticas no que respeita à problemática ambiental abordada, percebendo a importância da preservação do meio ambiente, através da prática dos 3Rs. Para além dos contributos práticos ao nível da inovação de práticas inclusivas, considera-se que o projeto possibilitou o desenvolvimento de uma consciência cívica, ativa e responsável, na comunidade local. O recurso às TIC potenciou a visibilidade das atividades e práticas sugeridas e contribuiu para uma maior sensibilização sobre a relevância da educação ambiental, bem como estimular a promoção da saúde e bem-estar da comunidade local, nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: 3Rs da Educação Ambiental; Resíduos Sólidos Urbanos; TIC; Jardim de Infância; estudo de caso.

Citação (normas APA 7.ª edição): André, E. S., & Loureiro, M. J. (2022). O Projeto “3RS em ação”: Atividades Promotoras de Educação Ambiental Inclusiva. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p.33). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

TRABALHO DE GRUPO E INCLUSÃO DIGITAL NUMA ESCOLA ANGOLANA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

João Nambalo Naufila^{1*} e Maria João Loureiro²

¹Instituto Técnico Privado Kautindi, Angola, jnnchefe@gmail.com; ²Universidade de Aveiro, Portugal, mjoao@ua.pt

RESUMO

Nas últimas décadas vários autores da área da Educação em Ciências têm defendido que tanto o trabalho de grupo como a utilização de recursos digitais têm potencial para promover o desenvolvimento da literacia científica. Por outro lado, recentemente têm sido publicados estudos em que vários recursos tecnológicos são explorados em contextos de aprendizagem em que são discutidos problemas sociocientíficos com sucesso. Em Angola a pouca literatura acessível online tem indicado que as estratégias de ensino são ainda muito centradas no professor e o uso das TIC em contexto educativo está a dar os primeiros passos. Urge, portanto, propor alternativas metodológicas que promovam a literacia científica e a inclusão digital. Pretende-se apresentar um estudo exploratório desenvolvido numa instituição de ensino em Angola, que envolveu 218 alunos, da 10^a classe, matriculados nos cursos de enfermagem geral e análises clínicas. Em particular descreve-se uma abordagem ao trabalho de grupo explorando as TIC e as perceções dos alunos no final das atividades, que foram levantadas usando um questionário. Foi proposto aos alunos o desenvolvimento de trabalhos de grupo que foram submetidos por e-mail ao professor para apreciação e correção. Depois de revistos, os trabalhos foram de novo encaminhados para o professor. Na aula o professor propôs um sorteio para apresentação dos trabalhos, sendo os trabalhos de cada grupo apresentados por outro grupo. Antes da apresentação os grupos tinham a liberdade de os melhorar e solicitar apoio do grupo responsável pela elaboração do trabalho. Para cada apresentação foi constituído um júri presidido pelo professor e durante a apresentação todos os estudantes tinham uma cópia do trabalho a ser apresentado. O professor fez intervenções apenas para clarificação de questões relevantes, dando espaço para os alunos participarem ativamente do processo. Os resultados apontam para diversas dificuldades, a saber: os alunos tiveram dificuldades na apresentação do trabalho de outro grupo, nem todos participaram na elaboração dos trabalhos de grupo; muitos desconheciam os procedimentos do desenvolvimento do trabalho de grupo; mais de metade pagou a um especialista para elaborar o trabalho; e uma percentagem elevada não têm competências digitais básicas (no uso de recursos, como o Microsoft Word, o email, a consulta bibliográfica, a pesquisa em sites, entre outros). Conclui-se que para que abordagens ao ensino, como a descrita, tenham sucesso e permitam o desenvolvimento de literacia científica e inclusão digital, que inclui o trabalho de grupo e a mobilização de competências digitais, é necessário ter em conta as dificuldades identificadas e procurar estratégias que permitam ultrapassá-las, o que se visa desenvolver num futuro próximo. O estudo contribui para a área da Educação em Ciências dado apresentar um diagnóstico das dificuldades encontradas na implementação de abordagens inovadoras em contextos desfavorecidos.

PALAVRAS-CHAVE: ensino e aprendizagem; trabalhos de grupo; TIC; diagnóstico; Angola.

Citação (normas APA 7.^a edição): Naufila, J. N., & Loureiro, M. J. (2022). Trabalho de Grupo e Inclusão Digital numa Escola Angolana: um Estudo Exploratório. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p.34). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

PERSPETIVAS SOBRE LITERATURA PARA A INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR À DISTÂNCIA

Marlene Alves¹, Maria Figueiredo^{2*}, Isabel Aires de Matos²

¹ Centro de Assistência Social N. Sra. de La Salette, Portugal,
marlenealves_1998@hotmail.com;

² Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Politécnico de Viseu, Portugal,
mfigueiredo@esev.ipv.pt; ² Escola Superior de Educação de Viseu e CI&DEI, Politécnico de
Viseu, Portugal, iairedematos@esev.ipv.pt

RESUMO

Durante a pandemia COVID-19, existiram períodos de confinamento em que as escolas e os jardins de infância funcionaram em modalidade de ensino à distância, no que tem vindo a ser nomeado por ensino remoto de emergência (Moreira, 2021). A análise da apropriação desta modalidade de trabalho pedagógico ao nível da educação pré-escolar em Portugal é um empreendimento ainda em curso, mas os estudos existentes revelam que o contacto entre educadores/as de infância e crianças e famílias teve concretizações distintas a nível nacional, mas um comum e reconhecido propósito pedagógico (European Commission, 2021; Mesquita et al., 2020). Baseado na experiência de duas estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar e ensino do 1.º CEB, cuja prática de ensino supervisionada incluiu dois períodos de educação à distância, este estudo reporta a forma como educadoras de infância e pais experienciaram a relação com a Literatura para a Infância durante os períodos de confinamento. Tratase de um estudo de pequena escala, envolvendo pais das 21 crianças do grupo de educação pré-escolar e a equipa educativa da sala de jardim de infância que desempenhava funções de planificação e dinamização de atividades – a educadora de infância e as duas educadoras estagiárias. Os dados foram recolhidos através de observação participante com notas de campo, registos fotográficos, entrevistas informais com os adultos e um questionário enviado às famílias que foi respondido por 10 pais, ao qual se associaram entrevistas semi-estruturadas com dois pais. Utilizou-se uma análise de conteúdo temática, que abrangeu o conjunto dos dados. Os resultados revelaram que a Literatura para a Infância surgia associada a rotinas tanto no contexto educativo como no contexto familiar. A interpretação de rotina presente no estudo valoriza as ideias de estrutura e de previsibilidade que apoia a participação das crianças, sendo destacada como algo que sofreu alterações durante os confinamentos. A equipa educativa partilhou dificuldades em manter um papel relevante para a Literatura para a Infância nas interações síncronas com as crianças, ainda que se continuasse a contar histórias nesses momentos. Mas o papel do livro suporte físico e da exploração autónoma das crianças não encontraram substituto satisfatório. Por seu lado, os pais reconheceram que contar histórias se tornara mais relevante durante os períodos de confinamento, com mais tempo atribuído à partilha de livros com as crianças. Relataram, ainda, um maior interesse por momentos de hora do conto nas rotinas familiares, sendo de destacar o momento antes de as crianças irem dormir. O impacto dos confinamentos na aprendizagem, desenvolvimento e bem-estar das crianças, assim como nas famílias e na intensificação das desigualdades na sociedade, é um empreendimento complexo e que requer diferentes abordagens (Jalongo, 2021). Este estudo contribui com uma experiência específica, de um grupo de crianças e suas famílias focada na Literatura para a Infância. Os resultados revelam aspetos do trabalho pedagógico desenvolvido, mas também de dimensões de cuidado que corporizam a pedagogia da infância.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Pré-Escolar, Literatura para a Infância, família, rotina, pandemia.

REFERÊNCIAS

- European Commission. (2021). Early childhood education and care and the COVID-19 crisis. Understanding and managing the impact of the crisis on the sector. Publications Office of the European Union.
- Jalongo, M. R. (2021). The Effects of COVID-19 on Early Childhood Education and Care: Research and Resources for Children, Families, Teachers, and Teacher Educators. *Early Childhood Education Journal*, 49(5), 763–774.
- Mesquita, C., Lopes, R. P., Loureiro, A. C., & Ribeiro, C. (2020). Pedagogical challenges in times of SARS-COV-2 in Early Childhood Education. Em L. Gómez Chova, D. López Martínez, & I.

Sentidos - Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias

Livro de Resumos

Candel Torres (Eds.), ICERI 2020: 13th International Conference of Education, Research and Innovation. Conference proceedings (pp. 7358–7368). IATED

Moreira, A. (2021). Pandemias, endemias e tecnologias: O lado epidémico das leis do ministério vizinho. 2.º Ciclo de Conferências Itinerantes da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Évora e online.

Citação (normas APA 7.ª edição): Alves, M., Figueiredo, M., & Matos, I. A. (2022). Perspetivas sobre Literatura para a Infância na Educação Pré-escolar à Distância. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., pp.35-36). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Sessões Paralelas

Apresentação de Pósteres e Comunicações Orais

Sessão Paralela B1

PERCEÇÕES SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Carlos Elói Silva ^{1*}, Sara Felizardo ², Valter Alves ³

¹ Portugal, eloisilva19@gmail.com; ² ESEV e CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, sfelizardo@esev.ipv.pt; ³ ESTGV e CISEd, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, Valter@estgv.ipv.pt

RESUMO

O sistema educativo português tem vindo a evoluir no sentido da inclusão e participação de alunos com as mais diversas necessidades e características. As crianças e jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) revelam, de forma geral, interesse e beneficiam da facilidade na utilização de Tecnologias Digitais nos seus contextos de vida. Os contextos educativos, a par da crescente digitalização da sociedade, podem encontrar nas tecnologias digitais ferramentas úteis, práticas e facilmente enquadráveis na lógica do desenho universal para a aprendizagem. Assim e tendo em consideração as características visuais, de estabilidade na resposta e facilidade no acesso, os alunos com PEA encontram nos recursos dessa natureza importantes facilitadores da sua participação e inclusão nas atividades educativas. Apresenta-se um estudo que teve como objetivo analisar as percepções dos professores relativamente à utilização de tecnologias e jogos digitais por crianças e jovens com PEA. Foi realizado por meio de inquérito através da plataforma Google Forms, com amostragem por método “snowballing” e dirigido a profissionais da educação e desenvolvimento infantil. Os profissionais da educação englobam, neste questionário, educadores de infância, professores do ensino básico e secundário, professores de educação especial, e outros das áreas da pedagogia e da docência. Quanto aos profissionais do desenvolvimento infantil, estão englobados terapeutas ocupacionais, terapeutas da fala, psicólogos, fisioterapeutas, psicomotricistas e outros profissionais com experiência de atuação para promoção do desenvolvimento infantil. Responderam 286 profissionais e foram realizadas análises descritivas e inferenciais. Os resultados do estudo são relevantes a diversos níveis. Não se observam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de profissionais da educação ou desenvolvimento infantil relativamente à distribuição das concordâncias na frequência de utilização de tecnologias digitais. Há uma pequena maioria que concorda que os jogos digitais promovem competências de comunicação e interação social (CCIS). Mais de 90% dos inquiridos concordam com necessidade de supervisão durante a utilização dos jogos por crianças e jovens com PEA. Docentes reportaram um menor nível de literacia digital do que profissionais do desenvolvimento infantil. Paradoxalmente, docentes indicam maior nível de utilização e satisfação com as tecnologias digitais na atividade profissional do que os profissionais do desenvolvimento infantil. Os profissionais com mais experiência com PEA são os que indicam utilizar mais os jogos digitais e que mais concordam com a necessidade supervisão. Todos os grupos valorizam a utilização dos jogos digitais para além de objetivos pedagógicos.

Conclui-se a análise dos resultados com uma reflexão que revela que há ainda um caminho importante a percorrer na adequação entre as tecnologias digitais e os métodos pedagógicos, formando professores e permitindo meios universais de aprendizagem com recurso às tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: *Tecnologias digitais, perturbação do espectro do autismo, educação*

REFERÊNCIAS

- Alley-Young, G. (2016). Technology Tools for Students with Autism: Innovations that Enhance Independence and Learning. *Canadian Journal of Communication*, 41(3), 40–55. <https://doi.org/10.22230/cjc.2016v41n3a3046>
- Alqurashi, M., & Williams, M. (2019). Expectations and reality: Video games in education from teacher’s perspective. *PEOPLE: International Journal of Social Sciences*, 5(2), 351–368. <https://dx.doi.org/10.20319/pijss.2019.52.351368>

Castro, C., Andrade, A., & Lagarto, J. (2012). Recursos educativos digitais na escola: Um exercício de sedução com TIC. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, 12, 275–293.

Citação (normas APA 7.^a edição): Silva, C. E., Felizardo, S., & Alves, V. (2022). Perceções sobre Tecnologias Digitais na Perturbação do Espectro do Autismo. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., pp.38-39). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

O JOGO DIGITAL MUSHYLAND ADVENTURES E AS COMPETÊNCIAS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO SOCIAL NA PERTURBAÇÃO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Carlos Elói Silva ^{1*}, Sara Felizardo ², Valter Alves ³

¹ Portugal, eloisilva19@gmail.com; ² ESEV e CI&DEI, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, sfelizardo@esev.ipv.pt; ³ ESTGV e CISEd, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, Valter@estgv.ipv.pt

RESUMO

O brincar tem vindo a transformar-se na era digital. Os estudos revelam que as crianças que brincam são mais autorreguladas, cooperam mais, são mais atenciosas, amigáveis e têm melhores competências sociais. Contudo, as oportunidades do brincar livre e exploratório têm vindo a diminuir, sobretudo em consequência do alargamento dos horários de trabalho das famílias. Esta situação tem especial impacto na interação social das crianças e jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), para quem é relevante o tempo útil para socializar e brincar com aqueles que lhes são mais significativos. Nesse cenário, os jogos digitais acabam por surgir, em muitos casos, como uma forma de explorar e de canalizar a necessidade de agir e interagir, desta feita em mundos virtuais. É de referir que há indicadores de que, para os nativos digitais, não existe descontinuidade entre o brincar tradicional e o brincar digital. Os jogos digitais são uma ferramenta importante para o desenvolvimento e aprendizagem de crianças e adolescentes com PEA, podendo ser utilizados em diversos contextos e com várias finalidades, incluindo o divertimento e o intuito educativo e de aprendizagem.

Nesta investigação, explorou-se a relação estabelecida entre a criança ou jovem com PEA e o jogo digital, analisando variações nas competências de comunicação e interação social, por observação do envolvimento e participação ao longo de um período de utilização. Para isso, foram realizados dois estudos de caso, em que dois jovens com PEA leve a moderada, utilizaram o jogo digital “Mushyland Adventures”, desenvolvido no âmbito de um projeto de investigação mais abrangente e com o objetivo específico de ser facilitador da participação e interação de utilizadores com PEA. O jogo desenvolve-se em vários níveis com recolha de objetos, sendo que a cooperação entre os jogadores permite um acesso mais facilitado ao nível seguinte. Foram realizadas duas sessões de observação e jogo, com cada um dos jovens, no seu domicílio, em momentos distintos e após observações nos contextos educativos. As sessões foram constituídas por um momento de jogo entre o jovem e o observador e outro entre o jovem e um familiar, tendo-se utilizado instrumentos standardizados e adaptados para registo das observações. Nas grelhas de observação, os resultados evidenciaram valores similares ou até com evolução mais favorável na participação no jogo digital que nas atividades no contexto educativo. As oportunidades ocupacionais providenciadas pela atividade em si, foram mais influentes sobre as competências de comunicação e interação do que o modelo ou plataforma de interação social. Na reflexão final, inclui-se a referência ao potencial do jogo “Mushyland Adventures” e perspetivam-se os seus futuros desenvolvimentos, com vista à adesão pela população de crianças e jovens com PEA.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo digital, perturbação do espectro do autismo, comunicação e interação social.

REFERÊNCIAS

- Daubert, E., Ramani, G., & Rubin, K. (2018). Aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras e desenvolvimento social. Em *Aprendizagem por meio de jogos e brincadeiras* (pp. 19–24). CEECD/SKC-ECD. <http://www.encyclopedia.crianca.com/sites/default/files/dossiersComplets/ptpt/aprendizagem-por-meio-de-jogos-e-brincadeiras.pdf>
- Finke, E., Hickerson, B., & Kremkow, J. (2018). «To be quite honest, if it wasn't for videogames I wouldn't have a social life at all»: Motivations of young adults with autism spectrum disorder for playing video games as leisure. *American Journal of Speech-Language Pathology*, 27, 672–689. https://doi.org/10.1044/2017_AJSLP-17-0073
- Hiniker, A., Daniels, J., & Williamson, H. (2013). Go Go Games: Therapeutic Video Games for Children with Autism Spectrum Disorders. 463–466. <https://doi.org/10.1145/2485760.248580>

Sentidos - Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias
Livro de Resumos

Citação (normas APA 7.^a edição): Silva, C. E., Felizardo, S., & Alves, V. (2022). O Jogo Digital Mushyland Adventures e as Competências de Comunicação e Interação Social na Perturbação do Espectro do Autismo. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p.40). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

SOFISTICAÇÃO DE MECANISMOS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO EM VIDEOJOGO PARA CRIANÇAS E JOVENS COM PERTURBAÇÃO DO ESPETRO DO AUTISMO

Ricardo Fernandes¹, **Carlos Elói Silva**², **Valter Alves**³, **Frederico Fonseca**⁴

¹ Mindera, Portugal, ricardoml.fernandes@gmail.com; ² Portugal, eloisilva19@gmail.com; ³ ESTGV e CISED, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal, valter@estgv.ipv.pt; ⁴ ESTGV e CISED, Instituto Politécnico de Viseu e Instituto Superior Miguel Torga, Portugal, ffonseca@estgv.ipv.pt

RESUMO

O interesse em ferramentas focadas na vertente lúdica para potenciar o desenvolvimento das capacidades de comunicação e interação social de crianças e jovens com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) esteve na origem de um projeto de investigação que, recorrendo a uma metodologia iterativa e incremental, deu origem a um conjunto de seis linhas orientadoras e a dois protótipos de videojogo nelas baseados: "Mushyland Adventures" e "Bug Bzzness". As linhas orientadoras são: 1) Criar um videojogo realmente aliciante; 2) Permitir que os jogadores sejam bem-sucedidos mesmo quando optem por não interagir; 3) Assegurar que os jogadores percecionam claramente as vantagens de comunicar e interagir; 4) Focar o design dos níveis do jogo na progressiva sofisticação da comunicação e interação; 5) Evitar gerar distrações indesejadas; e 6) Tirar partido do interesse na repetição. Mushyland Adventures é um jogo 3D em que um viajante depende das transações que faz com mercadores para conseguir acesso às sucessivas áreas, segundo uma economia baseada em cogumelos de diferentes tipos, que podem ser encontrados nos espaços naturais circundantes. A recolha dos cogumelos é muito mais proveitosa quando vários jogadores agem em proximidade e os cogumelos mais preciosos só se tornam visíveis nessas condições. Bug Bzzness é um jogo 2D, com vista de topo, em que joaninhas vagueiam por um jardim onde existem flores, dentro das quais podem encontrar recursos. A recolha, sendo possível de realizar a solo, é significativamente mais rápida e recompensadora quando outra(s) joaninha(s) coopera(m).

Durante a produção dos videojogos, em particular de Bug Bzzness, foi sendo identificado um elevado potencial para levar mais além a aplicação da quarta linha orientadora (relacionada com os mecanismos de comunicação e interação), nomeadamente no sentido de incluir outros formatos, mais desafiantes, e de os ir revelando como conquistas do jogador. Pretendendo-se agora dar continuidade ao desenvolvimento desse videojogo, importa sistematizar o conjunto de estratégias que permitirá, nesse universo específico, expandir a instanciação da linha orientadora. No estudo que se apresenta, discute-se o conjunto de alternativas que se deseja combinar, bem como as estratégias para gerir a sua conjugação e progressiva complexificação. Para além do reforço na comunicação diegética, estão contemplados mecanismos de comunicação por via da interface, que vão desde a utilização de um vocabulário visual simplificado à troca de texto. Pretende-se também redesenhar alguns aspetos do mundo de jogo para gerar mais oportunidade em torno das trocas de informação oriundas da comunicação direta entre outros jogadores, que se revelou superior ao esperado nos testes com os protótipos. A metodologia para a identificação destas possibilidades decorre, portanto, da abordagem iterativa e incremental adotada para o desenvolvimento do software, complementada com uma análise continuada de outros objetos lúdicos. Para além da reflexão sobre o ecossistema das funcionalidades de comunicação e interação, esta partilha permitirá também exemplificar um processo de transição entre a especificação de design mais abstrata inscrita numa linha orientadora e possíveis concretizações, primeiro conceituais, depois específicas ao objeto a produzir, o que poderá ser relevante para suportar eventuais iniciativas focadas em alguma das outras linhas orientadoras propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Interação, Perturbação do Espectro do Autismo, Crianças e jovens, Desenho de videojogos, Linhas orientadoras

REFERÊNCIAS

Alves, V., Duarte, R. P., Fonseca, F., Bernardo, M. V., Barreto, P., Fernandes, R., Silva, C. E., Felizardo, S., Videira, I., Matos, A., & Henriques, C. (2021). Playfulness and Communication for Children

Livro de Resumos

- with Autism Spectrum Disorder: Guidelines for a Videogame. *EduLearn 2021 Proceedings*, 9372–9379.
- American Psychiatric Association (Ed.). (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5 (5th ed)*. American Psychiatric Association.
- Atherton, G., & Cross, L. (2021). The Use of Analog and Digital Games for Autism Interventions. *Frontiers in psychology*, 12, 669734. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.669734>
- Fernandes, R. (2022). *Videojogo para estudo da comunicação em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo [Tese de mestrado, Instituto Politécnico de Viseu]*. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. <http://hdl.handle.net/10400.19/7278>
- Hyman, S. L., Levy, S. E., Myers, S. M., & Council on Children With Disabilities, Section on Developmental and Behavioral Pediatrics. (2020). Identification, Evaluation, and Management of Children With Autism Spectrum Disorder. *Pediatrics*, 145(1), e20193447. <https://doi.org/10.1542/peds.2019-3447>

Citação (normas APA 7.^a edição): Fernandes, R., Silva, C. E., Alves, V., & Fonseca, F. (2022). Sofisticação de Mecanismos de Comunicação e Interação em Videojogo para Crianças e Jovens com Perturbação do Espectro do Autismo. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., pp. 42-43). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

EDUCAÇÃO E DESIGN THINKING: ADAPTANDO JOGOS EDUCATIVOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Lucas Almeida Silva ^{1*}

¹ Universidade de São Paulo, USP, Brasil, lucas-almeida@usp.br

RESUMO

Este trabalho é resultado do desenvolvimento, da aplicação e das reflexões construídas ao longo da realização do projeto Technology, Games and Inclusive Education, realizado na disciplina de Design, com alunos do Y6 e do Y7 da Sphere International School, SP. No Brasil, sabe-se que ainda há carência de projetos de tecnologia educacional para a Educação Básica, voltados a alunos que sofrem com algum tipo de deficiência, destacando-se a falta de adaptações de recursos pedagógicos para alunos cegos e/ou com baixa visão. Considerando-se essa problemática, objetivou-se, por meio deste projeto, explorar recursos pedagógicos que possam atender às particularidades desses alunos por meio do uso da tecnologia enquanto espaço de intrínseca relevância no que concerne ao desenvolvimento de produtos adaptados para pessoas com deficiência visual. Sob a metodologia do Design Thinking na promoção de práticas educacionais multidisciplinares mais inclusivas, foram desenvolvidas, por um grupo de 41 alunos, versões adaptadas de dois jogos clássicos: Torre de Hanói e Tangram. Seguindo a metodologia do Design Cycle (Inquiring and Analysing, Developing Ideas, Creating a Solution e Evaluating), os alunos envolvidos no projeto puderam criar diferentes soluções ao problema apresentado em aula: a necessidade de adaptação de jogos para alunos com deficiência visual. A partir de impressões em 3D, os alunos construíram versões táteis dos jogos, mesclando texturas e formas geométricas que pudessem auxiliar seu manuseio quando jogados por pessoas cegas e/ou com baixa visão. Os jogos adaptados foram testados pela comunidade escolar no evento científico STEAM Festival, promovido pelo colégio. Após aplicação de questionário sobre os jogos às famílias e aos alunos do Y6 ao Y9 presentes no STEAM Festival, foi possível verificar que os participantes puderam experienciar os jogos com menor dificuldade devido ao uso de diferentes texturas, formas geométricas e materiais, promovendo, de acordo com suas impressões, práticas pedagógicas mais inclusivas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Inclusiva, Design Thinking, Tecnologia 3D.

Citação (normas APA 7.^a edição): Silva, L. A. (2022). Educação e Design Thinking: Adaptando Jogos Educativos para Pessoas com Deficiência Visual. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p. 44). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

Sessões Paralelas

Apresentação de Pósteres e Comunicações Orais

Sessão Paralela B2

TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: UM CONTRIBUTO PARA A INCLUSÃO DOS ALUNOS?

Bruno F. Gonçalves¹, Silvana Freitas Sousa²

¹ Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, bruno.goncalves@ipb.pt; ² Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, ssousa751@gmail.com

RESUMO

As instituições educativas portuguesas dos mais variados ciclos de estudos parecem estar, de um modo geral, equipadas com infraestruturas tecnológicas como é, por exemplo, o caso da internet, hardware e software que possibilitam que todos os agentes educativos concretizem o seu trabalho nas mais variadas dimensões da vida escolar. No entanto, com suporte na experiência tida pelos autores e na literatura na área percebe-se facilmente que existem diferentes dificuldades na utilização das tecnologias por parte dos alunos, o que parece comprometer a inclusão destes, essencialmente, aqueles que são mais desfavorecidos. O estudo, de natureza qualitativa e suportado pela metodologia de estudo de caso com inquérito por questionário e entrevista, decorreu numa instituição educativa na zona norte do país. Esta escola faz parte de uma instituição particular de solidariedade social (IPSS), sem fins lucrativos e oferece cursos profissionais na área da saúde, qualificando os alunos para o exercício profissional e para o prosseguimento de estudos. A opção por esta instituição educativa tem que ver com o facto desta se apresentar como uma instituição inclusiva e com uma realidade social muito particular. A pesquisa de campo desenvolvida permitiu identificar um conjunto de dificuldades sentidas pelos alunos na utilização das diferentes tecnologias digitais adotadas pela escola. Os resultados evidenciam que os alunos tiveram contacto com diversas ferramentas, especialmente, do pacote do Microsoft Office 365 como, por exemplo, o Outlook, Word, Power Point, Excel, OneDrive, SharePoint, Sway, Forms, OneNote, Teams, Yammer e o Calendar. Este contacto decorreu com maior impacto a partir do início da pandemia covid-19, designadamente, no período do ensino online. Durante este período, os alunos demonstraram ter um conjunto de dificuldades na utilização das tecnologias que, de um modo geral, parecem ter condicionado a sua aprendizagem, mas também o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e o próprio desenvolvimento individual. São elas: (i) Desconhecimento das ferramentas adotadas pela escola para a concretização do processo de ensinoaprendizagem online; (ii) Ausência de formação nas diferentes tecnologias que serviram de mediação ou suporte às aprendizagens; (iii) Apoio técnico e suporte limitado ao nível da utilização das tecnologias; (iv) Dificuldade no acesso à internet (seja de casa, seja de dados móveis); (v) Falta de acesso a computadores e outros equipamentos que permitam um maior contacto com as diferentes tecnologias; (vi) (Auto)motivação na utilização das tecnologias digitais; (vii) Gestão do tempo em utilizar as tecnologias e em gerir as aprendizagens através das mesmas; (viii) Dificuldade na comunicação em formato online; (ix) Maior cansaço ao nível psicológico, mas também de visão. Embora existam outros obstáculos, estes parecem ter sido os mais vinculados pelos diferentes alunos, especialmente, aqueles que, por diferentes motivos, tiveram enormes dificuldades no acesso ao ensino online, o que condicionou o processo de ensino-aprendizagem. Parece-nos, portanto, que quanto maior for a ausência de contacto com as tecnologias digitais, maior será a dificuldade em incluir todos os alunos nas aprendizagens e, por consequência, na escola atual!

PALAVRAS-CHAVE: alunos, formação, inclusão, processo de ensino-aprendizagem, tecnologias educativas.

Citação (normas APA 7.^a edição): Gonçalves, B. F., & Sousa, S. F. (2022). Tecnologias Educativas: um Contributo para a Inclusão dos Alunos?. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p. 46). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

CONSTRUÇÃO E VERIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DA LISTA DE VERIFICAÇÃO DA INCLUSÃO

Ana Saraiva ^{1*}, Aida Araújo Rebelo ^{2*}, Maria Nabais ³, Eugénia Ribeiro ⁴, Maria Fernandes ⁵, Ana Costa ⁶

¹ ASSOL, Portugal, analisatf@assol.pt; ² ASSOL, Portugal, aidarebelo@assol.pt; ³ ASSOL, Portugal, eduarda.nabais@asso.pt; ⁴ ASSOL, Portugal, eugeniaeliete@assol.pt; ⁵ ASSOL, Portugal, ercilia.fernandes@assol.pt; ⁶ ASSOL, Portugal, anasofiacosta@assol.pt

RESUMO

A inexistência de um instrumento que avalie a Inclusão dos alunos com deficiência ou incapacidade em Portugal levaram a equipa do Centro de Recursos para a Inclusão (CRI) da ASSOL à construção de um instrumento de raiz. Este instrumento foi construído à luz das referências teóricas sobre inclusão, autodeterminação, planeamento centrado na pessoa (Schalock & Verdugo, 2012) e pedagogia da interdependência. Desta forma, surgiu a Lista de Verificação da Inclusão (LVI), que é parte integrante do livro *Pertencer e Participar* (Pereira, 2017), editado pela ASSOL. A amostra é constituída por 162 alunos, de oito Agrupamentos de Escolas, apoiados pelos técnicos do CRI da ASSOL, com idades compreendidas entre os 6 e os 21 anos. Na sua maioria são alunos do sexo masculino (n=96; 59.3%), na faixa etária dos 11-15 anos (n=89; 54.9%). Com base nos dados recolhidos na aplicação da lista no ano letivo de 2020-2021 foi desenvolvido um estudo quantitativo, não experimental e exploratório. Após o estudo piloto, emergiu uma escala com 59 itens, avaliados numa escala tipo Likert, de 5 pontos. Na análise fatorial exploratória, foram testadas todas as possibilidades de combinações de número de fatores aceitáveis (1 a 11), e no final, considerando os indicadores psicométricos e teóricos, a melhor alternativa foi apresentada pela análise de componentes principais, com rotação Varimax e três fatores, com valores maiores que 1 que explicam 48% da variância total (Fator 1: Inclusão, Fator 2: Autodeterminação, Fator 3: Planeamento Centrado na Pessoa), todos com elevada consistência interna ($\alpha > .90$). Observaram-se, ainda, valores satisfatórios na medida de adequação da amostra (KMO=.875) e no teste de esfericidade de Bartlett ($\chi^2=8758.575$, $p < .000$), indicando que as correlações entre os itens são boas para a realização da análise. Respeitante à confiabilidade da escala total, esta apresenta uma elevada consistência interna ($\alpha = .954$). No que diz respeito aos resultados gerais, a média do fator inclusão é de 2.6 (+0.63). O fator autodeterminação apresenta uma média de 0.80 (+1.1) e a média para o fator planeamento centrado no aluno é de 1.59 (+0.99). Por fim, considera-se que a versão final da escala apresenta boas propriedades psicométricas, não obstante com necessidade da existência de estudos replicativos e confirmatórios dos resultados encontrados.

PALAVRAS-CHAVE: Lista de verificação da inclusão, participação, apoios centrados no aluno e autodeterminação.

Citação (normas APA 7.ª edição): Saraiva, A., Rebelo, A. A., Nabais, M., Ribeiro, E., Fernandes, M., & Costa, A. (2022). Construção e Verificação das Propriedades Psicométricas da Lista de Verificação da Inclusão. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p. 47). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

ALL WEARING THE SAME SHIRT: A STUDY ON INCLUSION IN HIGHER EDUCATION

Rosa Santos Oliveira^{1*}, Isabel Catarina Martins², Oksana Tymoshchuk³

¹ Polytechnic Institute of Viana do Castelo - ESTG, Polytechnic Institute of Bragança - ESACT, Portugal, rosita21@gmail.com; ²ISEIT – Viseu, Polytechnic Institute of Porto – ESE, Portugal, isa.inclusao@gmail.com; ³ University of Aveiro – DeCA, Portugal, oksana.agueda@gmail.com

ABSTRACT

The growing demand for higher education (HE) courses by students with disabilities is increasing in Portugal. According to the data collected by the GTAEDS (2019), in the academic year 2018/19, the overall number of students with disabilities enrolled in HE increased by 28% in comparison to the previous academic year. The completion rates of HE courses for students with disabilities, however, do not follow this trend because of a variety of challenges they encounter, including contextual barriers, lack of resources and support materials, content inaccessibility issues, and attitude barriers. According to surveys, the support available at universities is typically delayed and palliative. This data evidence suggests that for HE institutions to deliver the most inclusive solutions, it is vital to discuss the changes that must be made regarding students with disabilities.

This study aimed to listen from HE students with disabilities regarding their inclusion in the institutions they attend. The research involved 24 students from two Portuguese HE institutions (16 female, 8 male; aged 18-43).

Participants responded to a survey with 39, concerning their perception about their inclusion in HE. They mention that the academy members are not yet sensitized to inclusion and to welcome students with disabilities. As a basis for developing the questionnaire, the following four research questions were taken into consideration: How do participants see i) the support services? ii) relationships with teachers and iii) relationships with peers, and iv) the viability of technologies and infrastructures. Participants bring out the fact that faculty are still not used to welcoming and including students with disabilities. Even though, they claim to feel fully integrated in their academic life, they hear prejudiced comments from colleagues and other elements of the academic community.

Results show that digital technologies can have a positive impact on students' academic paths by offering individualized help and catering to their unique demands in the setting of HE. Students suggest implementing initiatives that support the eradication of stereotypes and deepen an inclusive culture, including efforts to increase technical, human, and technological resources for the entire academic community, as well as activities to provide knowledge and training to everyone. According to participants in this study, relationship-related concerns and technology advancements are essential to the inclusion process.

Higher education for all requires measures, policies, and practices in line with a truly inclusive education. According to the study's findings, inclusion in HE is feasible through curriculum adaptation, the use of effective pedagogical methodologies and strategies, cooperation between teachers, mentors, families, and students. On this path to universal access and achievement in HE, it is crucial to develop and put into practice effective policies that encourage community involvement. As defined by the international convention on the rights of people with disabilities, it is essential that everyone actively participates in this inclusive process, so that education and participation may become a reality for everyone.

KEYWORDS: human rights, higher education, inclusion, students with special needs.

Citação (normas APA 7.^a edição): Oliveira, R. S., Martins, I. C., & Tymoshchuk, O. (2022). All Wearing the same Shirt: A Study on Inclusion in Higher Education. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.^a Ed., p. 48). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.

A INTEGRAÇÃO CURRICULAR E O SCRATCH NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Ana Rita Nunes¹, João Rocha^{2*}, Cristina Gomes³

¹ Politécnico de Viseu, Escola Superior de Educação, Portugal, anaritanunes08@gmail.com;

² Politécnico de Viseu, CI&DEI, Escola Superior de Educação, Portugal, jorochoa@esev.ipv.pt;

³ Politécnico de Viseu, CI&DEI, Escola Superior de Educação, Portugal, mcagomes@esev.ipv.pt

RESUMO

Durante largas décadas, o professor arrogou o papel de “transmissor de conhecimentos”, ou seja, de especialista que “inculca” o seu conhecimento no “intelecto” dos seus alunos. O papel do professor transformou-se e, nos nossos dias, este deve assumir-se como um facilitador do processo de ensino e de aprendizagem, um agente educativo que deve envolver ativamente os alunos na sua própria educação e aprendizagem. Os alunos devem, assim, assumir, um papel ativo nas aprendizagens curriculares e, para tal, sobressai, em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), a importância da integração curricular e do uso das novas tecnologias. Atualmente ambiciona-se uma educação interativa e crítica, estimulando novas competências nos alunos, tais como, a criatividade e a capacidade de criar soluções inovadoras. Tomando como pano de fundo o supradito, torna-se relevante integrar curricularmente diferentes áreas disciplinares recorrendo ao uso das tecnologias, nomeadamente, às ferramentas de programação. Com a investigação realizada, objetivámos refletir sobre as perspetivas dos alunos de uma turma do 4.º ano de escolaridade, do concelho de Viseu, em relação ao modo como a computação criativa pode potenciar a integração curricular em contexto de ensino do 1.º CEB. A problemática da mesma decorreu de uma reflexão sobre as práticas docentes no que reporta à integração curricular, durante as observações efetuadas em contexto de Prática de Ensino Supervisionada e da constatação da quase ausência de investigação no âmbito da computação criativa associada à promoção da integração curricular. Neste sentido, realizámos uma investigação de cariz qualitativo com características de “investigação-ação”, com recurso ao inquérito por questionário e à observação participante. Os dados obtidos permitiram-nos concluir que os alunos têm uma opinião favorável relativamente à aprendizagem das várias áreas disciplinares utilizando os computadores. Foi-nos dado verificar que o envolvimento dos futuros professores em experiências didáticas de integração da tecnologia e na reflexão sobre essas mesmas experiências, para fomentar abordagens inovadoras, é da máxima importância. Os dados relevam que o ensino em contexto de 1.º CEB deve potenciar o uso da computação criativa como fator promotor da integração curricular; assim como, que experiências de integração curricular recorrendo à programação podem constituir uma forma inovadora e significativa para a aprendizagem dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE: 1.º Ciclo do Ensino Básico, Integração Curricular, Pensamento computacional criativo, Scratch.

Citação (normas APA 7.ª edição): Nunes, A. R., Rocha, J., & Gomes, C. (2022). A Integração Curricular e o Scratch no 1.º Ciclo do Ensino Básico. In C. L. Araújo, M. Figueiredo, A. P. Cardoso, S. Felizardo, C. Gomes, C. Lacerda, H. Ramalho, J. Rocha, A. I. Silva & P. Xavier (Eds.), *Livro de Resumos do Sentidos - Congresso Internacional de sobre Educação: Literacias, Inclusão e Tecnologias* (1.ª Ed., p. 49). Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu.



Viseu, 2022

organizado por



parceiros

